

# O professor das estátuas partidas

*The teacher of the broken statues*

Editorial

JOÃO PAULO QUEIROZ\*

\*Portugal, coordenador da revista *Matéria-Prima*.

AFILIAÇÃO: Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIE-BA). Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058, Lisboa, Portugal. E-mail: j.queiroz@belasartes.ulisboa.pt

**Resumo:** A relação entre arte e sociedade é mediada pelos artistas e pelos educadores. Entre uns e outros há um segredo que nenhum deles partilha. Os artistas conseguem ensinar as gerações que ainda não nasceram, os educadores conseguem dar sentido aos novos públicos que já nasceram, aqui e agora, e formar os novos artistas. O campo da educação artística entrelaça-se com o campo da arte, complementando-o sem o poder substituir: um dá razão ao outro, o outro escapa às prisões das didáticas. A possibilidade da arte, da universalidade, vence os discursos didáticos; mas a didática permite que a arte encontre os públicos do futuro. Os artigos que compõem esta 12ª edição da Revista *Matéria-Prima* estabelecem múltiplas agendas neste campo de operações onde é impossível estar distraído. Todos estão implicados.

**Palavras-chave:** Arte / Sociedade / educação artística / discursos.

**Abstract:** *The relationship between art and society is mediated by artists and educators. Between them there is a secret that none of them share. Artists can teach the generations that are not yet born, educators can make sense of the new audiences that have been born, here and now, and raise the new artists. The field of artistic education intertwines with the field of art, complementing it without being able to replace: one allows the other with a reason, the other escapes the chains of didactics. The possibility of art, universality, conquers educational speeches; But didactics allows art to find the audiences of the future. The articles that comprise this 12th edition of Revista *Matéria-prima* establish diverse schedules in this field of operations where it is impossible to be distracted. Everyone's involved.*

**Keywords:** *art / society / artistic education / speeches.*

## 1. Estátuas partidas

A ligação entre o artista e o educador parece ser simbiótica. A arte ensina desde sempre, sem se dar por ela, e faz do artista um professor permanente, para além da morte. Leio um apontamento de Eduardo Lourenço datado de Agosto de 1954:

*Um pensador não é um homem que pensa, mas sim um homem que faz pensar. [...] Um criador não é um homem que sonha, mas um homem que faz sonhar. Ser grande pensador ou grande criador é fazer pensar e sonhar uma inumerável sucessão de homens e de tempos. Esta condição original dos pensadores e dos poetas explica o mistério aparente do triunfo histórico das obras obscuras, das sinfonias incompletas, das estátuas partidas* (Lourenço, 2017:120)

Num curto apontamento (folha solta, inédita) sintetiza-se, na forma de aforismo, um possível projeto estético, ou seja, educativo.

São coisas assim, grandes, que ocupam os artistas que conseguem ensinar a ver, a sentir, a saber. Este projeto simples justificará em poucas linhas porque razão a educação artística, a participação de artistas nos discursos contemporâneos se torna mais sentida, necessária, urgente, indispensável.

## 2. Arte invisível

Ao mesmo tempo notamos que o que era visível aos olhos de Eduardo Lourenço parece ter-se tornado mais invisível, entretanto, passados uns 60 e poucos anos. Hoje a arte parece estar a bater em retirada das salas de aula, depois de um caminho íngreme e extenuante, da sua advocacia junto da humanidade por uma geração que Eduardo Lourenço incorporou intuitivamente.

As manifestações artísticas assaltam os homens de modo consciente, ou de modo compulsivo: o discurso artístico é um discurso que une, talvez por vezes mesmo com heroísmo, desespero, alienação (Dantas & Bispo do Rosario, 2009).

Não devia ser assim tão difícil falar de arte, ou melhor, de educação artística. Poderia ser mais transparente a sua necessidade, devia ser óbvia a sua utilidade, devia ser evidente o seu benefício. Porque é tão elusiva? Porque foge do aprisionamento das didáticas? Porque resiste ao entalar das páginas dos manuais ilustrados, ou à tinta das reproduções *offset*, ou ainda ao ecrã *amoled*? (Agra Pardiñas, Gewerc Barujel, & Mesa, 2003)

Ao meditar sobre isto, medita-se sobre a indefinição da arte. É que não é fácil de educar, ensinar. A arte parece aprender-se, pela mão destes artistas que não se sabiam professores, ou que assim não se imaginavam. Mas resiste, na sua fundamentação imprecisa, aos registos didáticos.

### 3. Resistência

Não poderia ser de outra forma, é uma obrigação de universalidade, a razão do seu sentido permanecer a aguardar pelos que virão a nascer, e o poderão completar. O círculo completa-se muitas vezes, sempre de novas maneiras, a cada geração. Ao mesmo tempo que a arte se renova, se instala, se desmorona, se auto-flagela, se incinera. O processo é ardente, compulsivo, e dele participam todos, públicos, políticos, professores, artistas, aspirantes, alunos, idosos, leitores, amadores. A discussão é contínua, e dela participam contributos invisíveis, atualizações políticas, retóricas de época, oportunidades críticas. (Martins, Egas, & Shultze, 2007). Os contributos reorientam as pedagogias em direção à fonte, aos artistas, ou os artistas interessam-se mais pela incorporação da pedagogia, da implicação, e do público, nas suas propostas. Um olhar mais resistente à hegemonia factícia é exigido por alguns em campos de intervenção escolar e de mediação (Hernández, 2005; Martins, 2004; Martins & Tourinho, 2008; 2009; 2011 Oliveira; 2009; Loponte, 2008). O trabalho é exigente, e os seus agentes apresentam sinais de fadiga ou desalento, perante as investidas da eficácia e da produtividade em busca não de pessoas, mas de “capital humano.” (Queiroz & Martins, 2015; Oliveira, 2016; Rosa, 2009).

### 4. Exigência, inovação, crítica, criação

A chave encontra-se do lado dos professores, pela razão de serem eles a formar os públicos e a formarem os próprios artistas de entre estes públicos. A exigência torna-se clara, o investimento na formação exige novidade, introspeção, inovação, crítica, criação (Huerta, 2009; Rosa, 2013; Eça, Agra-Pardiñas, Trigo, & Pimentel, 2010). As articulações de há décadas depressa se revelam na sua maior obsolescência (Ó, 2010) e o assunto merece olhares compreensivos, informados e abrangentes, assim como especializados (Marín Viadel, 2011).

A educação artística olha-se de modo renovado, espantado, interventivo, inovador: está tudo por fazer, suspeitam os seus agentes, ao mesmo tempo que os decisores dela desinvestem continuamente, visando indicadores contáveis (Queiroz & Oliveira, 2015). As cargas horárias são reduzidas, confunde-se criatividade com empreendedorismo, cultura com capital.

Tem-se assim um contexto de crise na Educação Artística, que é também o desafio. Os 16 artigos que integram esta 12ª edição da Revista Matéria-Prima são uma prova da capacidade de regeneração dos agentes no terreno, do seu reposicionamento, da sua recusa de delimitações, da sua procura de novas formulações, novas intervenções, novas explorações.

O artigo “A expressão: os afetos como aproximação à identidade” de Luís

Filipe Rodrigues (Portugal) explora junto de a alunos do 9º ano a sua facilidade em metaforizar os seus sentimentos e assim abordar a metamorfose constante da estrutura de uma identidade aparente, porque discursiva, segundo um enquadramento psicanalítico, e assim um acontecimento construtor e identitário.

Olga Duarte & Carmen López (Sevilha, Espanha) no artigo “‘Pintamos nuestro patrimonio:’ un proyecto de educación artística y patrimonial para Educación Infantil” abordam a educação patrimonial junto de crianças de 3, 5 e 5 anos. É uma intervenção supervisionada no colegio Príncipe de Asturias de Sevilla, um trabalho articulado entre professora e aluna no âmbito tutorial de um trabalho “Fin de Grado” da Universidad de Sevilla. Uma sequência de três fases exploram elementos patrimoniais desta cidade (“¿Cómo vemos nosotros la Giralda y como la vio un pintor?”; “Creamos nuestro parque”; “Pintores de cuentos”).

No artigo “Lanternas Mágicas: Oficina de histórias e criação de lanternas mágicas (a partir da exposição de José de Almada Negreiros: uma maneira de ser moderno)” Andreia Dias (Portugal) apresenta o trabalho desenvolvido na Oficina de serviços educativos a partir da exposição na Fundação Calouste Gulbenkian “José de Almada Negreiros: uma maneira de ser moderno” dirigida a grupos de 5 a 7 anos e de 8 aos 11 anos em 4 sessões de 6 horas/dia, num total de 24 horas. Produziram-se fatos, encenações, um filme animado, efeitos sonoros, com resultados expressivos.

Ana Rocha (Portugal) no artigo “Projecto inter-ludobibliotecas nas escolas básicas do Concelho de Cascais” apresenta a intervenção junto de bibliotecas “Crescer a Tempo Inteiro” promovido pela Câmara Municipal de Cascais, tendo a União de Freguesias Cascais e Estoril como parceira. Descreve-se uma atividade que conta já 30 sessões, envolvendo 800 crianças, explorando cerca de 30 livros através de contadores, atividades, estafetas, exploração de objetos escondidos, emoções.

Em “O estúdio de pintura como laboratório de ensino e aprendizagem em Artes Visuais,” Jociele Lampert (Florianópolis, Santa Catarina, Brasil) reporta a atividade do Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke que, além de exposições, oficinas, aulas abertas, e residência artística, desenvolve encontros semanais para pesquisa estabelecendo um entrelaçamento entre a prática educativa a pesquisa, a criação de públicos, a intervenção, e a prática artística.

O artigo “Identidade(s): cinco propostas para o ensino das artes visuais” de Ana Sousa (Portugal) reporta a sua intervenção junto de alunos do mestrado em ensino das artes visuais (Universidade de Lisboa), na Unidade Curricular de Didática das Artes Plásticas II, propondo a conceção de unidades de trabalho. Os workshops propostos sucederam-se explorando os temas da identidade e diferença.

Maria Luísa Duarte & Joana Simões Ferreira (Portugal) no artigo “O teu To, Projeto de Design de Interiores: Oficina de Artes, 12º ano” coloca como desafio, no âmbito da prática lectiva supervisionada, a apropriação de um apartamento pré-definido sendo o investimento na sua diferenciação, através de tratamentos de cor, revestimento, mobiliário, e os desdobráveis de comunicação sobre aquele pequeno apartamento.

O artigo “Ao encontro do Eu:’ (Re) interpretação do Eu através do Autorretrato” de Carla Lima & Maria da Conceição Ramos (Portugal) apresenta uma exploração, também no âmbito da prática de ensino supervisionada, dividida entre o professor cooperante e o futuro professor. Na Unidade Curricular de Desenho A exploraram-se os retratos, as caricaturas, e as máscaras.

Leide Fausta Gomes da Silva (Salvador-Bahia, Brasil) “Criação e tradição: um diálogo mediado pela arte contemporânea” apresenta uma intervenção no 8º ano do Ensino Fundamental II, na Escola Municipal São Francisco, Praia do Forte. Entrevistam o Sr Ulisses, escolhido pelas crianças, um Sr. Ulisses, um dos “careteiros” mais antigos. As máscaras e os vestíveis permitem estabelecer ligações com a arte contemporânea de Ligia Pape, Hélio Oiticica e Lygia Clark e assim ancorar o imaginário ao simbólico e ao criativo.

O artigo “A Cara da Rua: arte e extensão universitária no ensino fundamental de jovens e adultos em vulnerabilidade social” de Eduardo Vieira da Cunha & Daniela Cidade (Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil) apresenta um projeto de extensão universitária originário da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tomando os excluídos, aqueles que vivem na rua, através da experimentação fotográfica procura-se uma aproximação a alguma inclusão social.

Ana Mafalda Conde da Rocha (Portugal) no artigo “Abordagem à Arte Contemporânea no 1.º Ciclo do Ensino Básico” apresenta uma intervenção no âmbito do Projeto com Escolas “As Imagens do Corpo” da Fundação de Serralves, Porto, que envolve quatro turmas que colocam em prática algumas das propostas: “Bigodes, dentes podres e óculos de sol” explorando as colagens e os referentes de Hannah Hoch, John Heartfield, Ana Lira e Eileen Agar, por exemplo, entre outras atividades.

No artigo “A (des)integração das artes no currículo do século XXI: apontamentos para uma história do presente” Helena Cabeleira (Portugal) apresenta uma retrospectiva sobre os discursos curriculares oficiais e deixa o eco das perplexidades quanto a uma certa desarticulação curricular actual. Começa-se por lembrar os que comentam a falta de ensino artístico (Machado de Castro, Garrett) e termina-se por recordar que essa ausência parece ameaçar regressar na forma de menos cargas horárias.